

Percepções discentes na pós-graduação em educação na pandemia: desigualdades raciais e de gênero

Student perceptions in postgraduate education in the pandemic: racial and gender inequalities

Alexsandro do Nascimento Santos¹
Maria do Carmo Meirelles Toledo Cruz²
Rafael Lima Medeiros Ferreira³
Vanda Mendes Ribeiro⁴
Simone da Silva Rodrigues⁵

Resumo

O estudo visou identificar as percepções de discentes sobre o ensino remoto em dois cursos de pós-graduação da área de educação, durante o primeiro semestre de 2020, período de restrições decorrentes da pandemia do Covid-19 e os desafios, limites e a potencialidade desse tipo de ensino. Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário disponibilizado por meio do Google Forms, que tratou de captar: a) a caracterização do discente; b) adesão ao isolamento; c) infraestrutura da residência; d) os problemas e dificuldades, com destaque para a saúde mental e/ou emocional; e e) aspectos positivos e propostas de aprimoramento. Enviado a 86 alunos, o instrumento de pesquisa teve a adesão de 65%, alcançando uma amostra de 56 estudantes. Concluiu-se que os alunos tiveram acesso à internet, mas 50% encontraram problema com alguns dos softwares utilizados nas disciplinas. Outros limitadores foram a falta de equipamento; acesso limitado à internet; compartilhamento de equipamento com membros da família. Nessas situações, as mulheres e os negros (autodeclarados pretos e pardos) afirmaram, com mais frequência, alterações 'negativas' em seus estados emocionais durante a pandemia.

Palavras-chaves: Coronavírus. Pós-graduação; Ensino remoto; Percepção discente.

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Formação de Gestores da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). Diretor-presidente da Escola do Parlamento Paulistano. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: alexsandrosantos1980@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Formação de Gestores Educacionais da Universidade Cidade de São Paulo (Unicid) e da Pós-graduação em Gestão Pública da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Membro do Instituto de Desenvolvimento de Inovações Tecnológicas, Sociais, Gestão de Políticas Públicas e Justiça Social (JUS). Mestre e Doutora em Administração Pública e Governo pela Fundação Getúlio Vargas (FGV/SP). E-mail: carminhameirelles@gmail.com

³ Doutorando em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo (Unicid) com bolsa do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Prosup-Capes). Bibliotecário-documentalista na Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Mestre em Políticas Públicas pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). E-mail: faelmedeiros.br@gmail.com

⁴ Membro do Instituto de Desenvolvimento de Inovações Tecnológicas, Sociais, Gestão de Políticas Públicas e Justiça Social (JUS). Pesquisadora em políticas educacionais. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) com período sanduíche na Universidade de Genebra (Suíça). E-mail: vandaribeiro2@gmail.com

⁵ Mestre em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). E-mail: simonett8173@hotmail.com

Abstract

The article aims to identify how students' perceptions about remote teaching in two postgraduate courses in the area of education during the first semester of the Covid-19 pandemic and the challenges, limits and potential of this type of teaching. For data collection, a questionnaire made available through Google Forms was elaborated, dealing with: a) characterization of the student; b) adherence to insulation; c) infrastructure of the residence; d) problems and difficulties, highlighting those related to mental and/or emotional health; and e) positive aspects and proposals for improvement. Sent to 86 students, it had 65% adherence. It was concluded that students had access to the internet, but 50% had problems with some of the software used in the subjects. Other constraints were lack of equipment; limited internet access; sharing equipment with family members. In these situations, women and blacks (self-declared blacks and browns) more frequently reported 'negative' changes in their emotional states during the pandemic.

Keywords: Coronavirus; Postgraduate students; Remote teaching; Student perception.

1. Introdução

No artigo, apresenta-se uma visão das percepções de discentes sobre a experiência de estudar em programas de Pós-graduação *stricto sensu*, da área de educação, durante o período inicial das restrições à pandemia de Covid-19 (primeiro semestre de 2020)⁶.

Tendo em vista o estabelecimento de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional no mundo (OPAS, 2020), devido à pandemia do novo coronavírus, muitas organizações precisaram rever e adequar-se ao momento de perigo iminente de contágio, de cuidados com a saúde das pessoas por meio do isolamento social.

No âmbito da educação, as instituições de ensino foram surpreendidas com uma nova realidade: o Ensino Remoto Síncrono Emergencial. Novos desafios foram colocados às instituições de educação superior (GOMES et al., 2020; PIMENTEL et al., 2020). As medidas de prevenção ao contágio pelo novo coronavírus provocaram uma situação inédita, em que as universidades foram paralisadas (MEDEIROS et al., 2021; JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020).

⁶ Esta pesquisa foi coordenada pelas professoras Doutoras Maria do Carmo Meirelles Toledo Cruz e Vanda Mendes Ribeiro da Unid. Ela está inserida no Projeto: Implementação de políticas educacionais e desigualdades frente a contextos de pandemia pelo COVID-19, aprovado e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), aprovado pelo processo número 2021/08719. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP. Da mesma forma, agradecemos à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelas Bolsas PROSUP/CAPES de Mestrado e Doutorado ofertada aos autores Simone da Silva Rodrigues e Rafael Lima Medeiros Ferreira, respectivamente.

Visando a não suspensão das atividades acadêmicas, dois programas de Pós-graduação da área de educação também adotaram o ensino e a orientação de forma remota em seus cursos, a partir de março de 2020. Neste contexto, foi exigida uma nova postura dos docentes e discentes, bem como ampliou-se a necessidade de utilização das tecnologias para esse formato de aulas. Arruda (2020) afirma que o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), no período de pandemia, possibilitaram a continuidade das aulas, já que o afastamento, por vários meses, dos estudantes dos espaços escolares poderia comprometer o cronograma e a qualidade da educação. Além de ter sido primordial para preservar a relação entre estudantes e professores.

Segundo o autor, as TIC minimizaram possíveis consequências que o isolamento social poderia provocar nas atividades acadêmicas. Apesar de considerar os aspectos positivos do uso do ensino remoto, nesse período, o autor afirma haver, no Brasil, resistências, entre os docentes, para discutir desenhos de políticas educacionais que utilizem as TIC como um meio fundamental de ensino no mundo contemporâneo. Considera, ainda, ser um problema a falta de informações sobre o acesso a essas tecnologias, pelos alunos, pois dificulta ações que não incidam negativamente sobre as desigualdades (ARRUDA, 2020).

Estudos sobre a percepção de discentes em programas de Pós-graduação iluminam esse debate, acumulando conhecimento e geram também aprendizagens para o futuro das políticas educacionais.

Este artigo está organizado em cinco seções, incluindo esta introdução e as considerações finais. A segunda trata da Educação em tempos de pandemia; a terceira apresenta os procedimentos metodológicos; a quarta, os resultados referentes ao perfil dos respondentes; cumprimento das recomendações de isolamento social e contágio por coronavírus; alterações na rotina doméstica, na organização dos estudos, nos estados emocionais e de saúde mental; e sobre as percepções vinculadas à experiência vividas.

2. Educação em tempos de pandemia

Com o estabelecimento do Estado de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional devido à pandemia do novo coronavírus, fez-se necessário o isolamento social, a suspensão das aulas e muitas instituições optaram por utilizar

estratégias de educação remota. Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2022), a maioria dos países fecharam as escolas e mais de 1,5 bilhões de estudantes e jovens foram afetados com relação à aprendizagem; permanência na escola; e saúde mental e emocional. Estes efeitos são mais profundos nos alunos mais vulneráveis.

As instituições paralisaram suas atividades e tiveram que escolher as ferramentas e recursos de acordo com a sua comunidade para a garantir a continuidade do ensino (UNESCO, 2020). A pandemia exigiu uma reorganização das atividades e da interação entre a equipe gestora, professores e estudantes. Algumas organizações optaram pela continuidade por meio do Ensino Remoto Síncrono e outras pelo Assíncrono Emergencial. Esta opção deu destaque às limitações dessa modalidade de ensino e às desigualdades sociais existentes. Todo o período da pandemia exigiu que os profissionais de educação realizassem um monitoramento permanente dos processos, pois não havia uma experiência prévia de contexto sanitário similar.

A falta de trabalhos publicados a respeito da Pós-graduação em tempos pandêmicos também foi verificada no levantamento de artigos realizado na base SciELO, em agosto de 2020, com as palavras-chave “Covid” e “pós-graduação” e “Covid” e “educação superior”. Ao buscar por “educação” e “Covid” foram identificados 28 trabalhos, quase todos no campo da saúde. Apenas dois tratavam da educação básica em tempos de pandemia e outros dois da relação entre financiamento, Covid e educação.

Com as palavras “Covid” e “education”, foram identificados 31 trabalhos, três referentes à educação básica. Um tratava do desafio das universidades federais em tempos de Covid, do ponto de vista do financiamento. Os demais eram da área da saúde. Portanto, naquele momento, não foi encontrada produção de artigos na base SciELO sobre as percepções dos discentes da Pós-graduação brasileira sobre a introdução do ensino remoto.

Para complementar o levantamento, foi realizada uma pesquisa no Google Acadêmico. As palavras “covid” e “pós-graduação” reportaram 13 artigos, sendo apenas dois pertinentes, por tratarem de percepções discentes sobre o ensino remoto na pandemia na Pós-graduação. Com as palavras-chave “percepção discente” e “covid”, dos seis encontrados, uma era pertinente. Oito artigos foram identificados por

meio de “covid” e “educação superior”, sendo três selecionados. Foram analisados três textos que tratavam apenas da percepção dos discentes na Pós-graduação: Vercelli (2020); Manhães, Musial e Guindani (2020); e Durso e Russo (2020).

Vercelli (2020), após estudar a percepção dos discentes de um mestrado profissional sobre as aulas remotas em tempos de Covid-19, apontou vicissitudes e dificuldades dos alunos na relação com as TIC, permitindo reflexões e aprendizagens para o futuro. Segundo a autora,

[...] professores e alunos tiveram que se adaptar, portanto as falhas ocorridas inicialmente quanto ao uso da plataforma fizeram parte do processo de aprendizagem de ambos os grupos. [...] pudemos expor nossas fragilidades e aprender com elas, pudemos contar com o apoio de discentes mais experientes em tecnologia e, acima de tudo, tivemos a certeza de que enfrentar o novo e quebrar resistência faz parte da aquisição de novos conhecimentos (VERCELLI, 2020, p. 58).

O estudo de Vercelli (2020) revela que as maiores dificuldades dos alunos se referiram ao uso das tecnologias. Os alunos avaliam ser relevante a aprendizagem do uso de diferentes plataformas. A otimização do tempo é outro aspecto valorizado pelos discentes, em função de não terem que se deslocar de casa à universidade. Ressaltam, ainda, que as aulas on-line não perderam qualidade, devido à boa interação entre professor e aluno e a oportunidade de solução de dúvidas.

Os alunos consideram ser possível, no futuro, a sincronia entre atividades remotas e presenciais, pois valorizam a vivência e interação direta com as pessoas como meio de aprendizagem no *stricto sensu*. Para a autora, nesse período de pandemia, surgiram desafios a serem pesquisados, para que o ensino seja discutido por meio do uso das TIC. Efetivamente, vários estudiosos têm se dedicado ao assunto.

Manhães, Musial e Guindani (2020), em seu estudo sobre a percepção de pós-graduandos *lato sensu* em Ciências Contábeis, sobre a justiça acadêmica durante a pandemia do Covid-19 devido ao uso das TIC, concluíram que os estudantes se perceberam frente a uma situação de menos justiça no ensino, diante do ensino remoto do que diante do ensino presencial.

Durso e Russo (2020) analisam, por meio de pesquisa quantitativa, o nível de satisfação dos discentes de programas de mestrado e doutorado da área de negócios quanto às adequações realizadas pelas instituições de ensino para viabilizar os cursos na pandemia. Com os dados, os autores construíram um Índice de Satisfação com as Mudanças (ISM) e ficou evidenciado que, em média, há um nível “moderado”.

Os autores observaram ainda, que as características pessoais e a participação em cursos em Educação a Distância (EaD) de longa duração estão correlacionados com o maior nível de satisfação. Segundo os autores, os resultados dessa pesquisa corroboram a literatura, ao sinalizar que “discentes com maiores demandas profissionais e familiares tendem a estar mais propensos à realização do EaD (DURSO; RUSSO, 2020, p. 3).

A análise do levantamento de referências realizado denota, portanto, uma lacuna na produção de conhecimento: em apenas três artigos os autores se dedicaram à percepção discente sobre a adoção do ensino remoto na Pós-graduação. Neste artigo, busca-se contribuir com a ampliação do conhecimento sobre esse tema com aportes referentes à raça/cor e sexo/gênero.

3. Metodologia

Durante o primeiro semestre de 2020, em dois Programas de Pós-graduação da área de educação de uma universidade, quatro professores identificaram, a partir das autoavaliações aplicadas aos seus alunos, dificuldades quanto à efetivação das aulas remotas e às situações emocionais e de saúde mental que necessitavam ser observadas pela Coordenação.

Para responder a esse problema, em meados de junho de 2020, professores que lideravam um dos grupos de pesquisa da instituição iniciaram um estudo para identificar a percepção dos discentes sobre o ensino remoto iniciado em março do mesmo ano, no período da pandemia.

Os alunos integrantes do grupo de pesquisa foram envolvidos por meio da construção coletiva de um questionário durante os encontros de formação semanais e a partir do estudo preliminar utilizado em investigação realizada por pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos (2020) sobre os limites e potencialidades do exercício das atividades escolares remotas na educação básica. A versão preliminar do questionário foi submetida a dois pré-testes, que permitiram seu aprimoramento tanto no que diz respeito às questões de conteúdo quanto à forma das questões apresentadas. A estratégia de envolvimento dos estudantes também favoreceu o fortalecimento de um clima favorável ao processo avaliativo (SOUZA; GATTI, 2015).

A versão final do instrumento de pesquisa foi encaminhada aos estudantes dos dois programas com auxílio da plataforma Google Forms (CRUZ et. al, 2021). A

participação dos alunos que integram o grupo de pesquisa seguiu consistente, no processo de sistematização de dados e os resultados preliminares foram discutidos nas sessões de formação do grupo.

O questionário continha 32 perguntas, das quais 29 eram fechadas. As questões envolviam: a) caracterização do discente (idade, sexo, raça/cor, renda, bolsistas, deficiência ou mobilidade reduzida, jornada de trabalho, atuação na educação, vínculo profissional); b) adesão ao isolamento na pandemia; c) infraestrutura na residência para a aula remota (local, equipamento, etc.); d) problemas e dificuldades (*softwares* usados, realização das atividades, etc.); e) situações enfrentadas (gerais, de saúde mental e/ou emocionais, e de familiares com Covid); e f) aspectos positivos e aqueles a serem aprimorados nas aulas remotas. O formulário foi enviado em junho de 2020 para 86 pós-graduandos. Houve retorno de 56 participantes (65% do universo).

4. Análise e discussão dos resultados

4.1 Perfil dos respondentes

O grupo de 56 respondentes foi composto de 13 estudantes bolsistas e 43 estudantes não-bolsistas. Quando classificados por programa de Pós-graduação, 13 estudantes integravam o Programa de Pós-graduação A (todos em nível de mestrado) e 43 estudantes integravam o Programa de Pós-graduação B (sendo 35 matriculados em nível de mestrado e quatro em doutorado). Vale sublinhar que a proporção entre alunos respondentes e o total de alunos em cada um dos dois programas manteve-se próxima: no Programa de Pós-Graduação A, alcançamos uma amostra de 72% e no Programa de Pós-Graduação B, obteve-se 61%.

Considerando a classificação dos respondentes por sexo/gênero, o grupo de 56 respondentes é majoritariamente feminino (68%). Essa proporção é semelhante entre homens e mulheres na distribuição total dos estudantes nos dois Programas.

Do ponto de vista da distribuição racial, 42 respondentes (75% do total) autodeclararam-se brancos. Os outros 14 distribuíram-se igualmente entre pardos e pretos (sete estudantes em cada classificação, compondo 12,5% da amostra em cada grupo). Importa destacar que, no grupo de estudantes matriculados no doutorado, apenas um estudante declarou-se pertencimento ao grupo racial negro (considerando pretos e pardos).

O questionário também permitiu identificar dois estudantes que declararam possuir mobilidade reduzida, mas nenhum estudante afirmou possuir deficiência.

A pesquisa também buscou mapear o nível socioeconômico dos estudantes, utilizando uma pergunta sobre a renda familiar mensal. Nesse quesito, a distribuição dos respondentes sinalizou que 60,7% deles declararam renda familiar mensal acima de R\$ 5.001,00; sendo que 26,78% estavam no patamar mais elevado (renda familiar mensal superior a R\$ 8 mil). Na outra ponta da distribuição, 7,2% dos respondentes declararam renda familiar mensal abaixo de R\$ 2 mil (Tabela 1).

Tabela 1 – Respondentes por renda familiar mensal

Até R\$ 1.045,00	R\$ 1.046,00 a R\$ 2.000,00	R\$ 2.001,00 a R\$ 5.000,00	R\$ 5.001,00 a R\$ 8.000,00	Mais de R\$ 8.000,00
1 (1,8%)	3 (5,4%)	18 (32,14%)	19 (33,92%)	15 (26,78%)

Fonte: Elaboração dos autores.

Por fim, completou a análise do perfil dos respondentes a identificação da situação laboral no momento da resposta ao questionário. Do ponto de vista da jornada de trabalho, chama a atenção o fato de 42,8% dos estudantes terem declarado uma jornada de trabalho semanal de 40 horas e 14%, uma jornada superior a 40 horas semanais (Tabela 2).

Tabela 2 – Jornada de trabalho semanal dos respondentes

Não trabalha	Menos de 20h	Entre 20 e 30h	Entre 30 e 40h	40h	Mais de 40h
7 (12,5%)	2 (3,6%)	7 (12,5%)	8 (14%)	24 (42,8%)	8 (14%)

Fonte: Elaboração dos autores.

Considerando o conjunto de estudantes que declararam estar trabalhando no momento da aplicação do questionário (49 estudantes), a grande maioria desempenha suas funções no campo da educação formal (45). Desse total, 16 profissionais afirmaram exercer a função docente em escolas e redes privadas de ensino. Os demais, atuam em redes públicas (municipais, estaduais ou federais).

4.2 Cumprimento das recomendações de isolamento social e contágio por coronavírus

Na segunda parte do questionário buscou-se identificar se os participantes estavam cumprindo, no momento da realização da pesquisa, as recomendações de isolamento social e se tiveram contato próximo com o coronavírus, em suas residências.

No que tange ao primeiro aspecto, 76,8% dos participantes do estudo declararam que estavam cumprindo integralmente as recomendações estabelecidas pelas autoridades de saúde, enquanto 21,4% seguiam, parcialmente, as mesmas recomendações. Apenas um participante declarou que não estava cumprindo as recomendações. Esses dados apontam resultados acima do encontrado em estados da região sul (WEHRMEISTER, NASCIMENTO; CASAGRANDE JUNIOR, 2022).

Quanto à obediência aos protocolos de isolamento parecem guardar relação com o baixo índice de contaminações observado no grupo que participou da pesquisa: 50 dos 56 respondentes (76,8%) declararam que, na residência em que vivem, não tomaram conhecimento da contaminação de nenhuma pessoa por coronavírus; outros três participantes afirmaram que, em sua residência houve contágio, mas com o desenvolvimento de quadros leves da doença; e apenas na residência de três, houve contaminação e desenvolvimento de quadros graves da doença.

4.3 Alterações na rotina doméstica e na organização dos estudos

Outro conjunto de questões provocava os respondentes a explicitarem eventuais alterações de rotina doméstica e na organização dos estudos que, na percepção deles, estivessem relacionados aos impactos da pandemia de Covid-19. A análise das respostas indica que 62,4% dos participantes (36 pessoas) perceberam uma sobrecarga de tarefas profissionais e 53,5% (30 pessoas), sobrecarga de tarefas domésticas.

A distribuição dos respondentes da pesquisa produz uma amostra na qual a representação dos autodeclarados brancos é de 75% (42 pessoas), representação dos autodeclarados negros é de 25% (14 pessoas), igualmente distribuídos entre pretos (7 pessoas) e pardos (7 pessoas). Ou seja, no universo total de respondentes, o padrão que rege a proporção entre pessoas brancas e pessoas negras é 3,0 (três pessoas brancas para cada pessoa negra).

Se a percepção dos impactos da pandemia na rotina doméstica e na organização dos estudos não apresentassem nenhum tipo de viés racial, essa distribuição seria mantida quando os dados a esse respeito fossem desagregados por raça/cor. Caso o padrão de proporção racial (PPR) diminua e seja menor do que 3,0, pode-se falar uma sobre representação de pessoas negras experimentando aquela situação e, caso o padrão de proporção racial (PPR) aumente, pode-se falar numa

sobre representação de pessoas brancas experimentando a mesma situação, conforme apresentado na Tabela 3.

Tabela 3 – Impactos da pandemia, distribuídos entre brancos e negros

Impactos da pandemia na rotina e organização	Distribuição		
	Branco	Negro	PPR
Distribuição da Amostra	75%	25%	3,0
Sobrecarga de tarefas domésticas	70%	30%	2,3
Sobrecarga de tarefas profissionais	75%	25%	3,0
Ampliação de cuidados com os filhos	64%	36%	1,7
Necessidade de apoio às atividades escolares dos filhos	71%	29%	2,4
Não percebi problemas ou impactos	83%	17%	4,8

Fonte: Elaboração dos autores.

Os dados evidenciam que são mais frequentes no grupo racial negro as percepções de sobrecarga nas tarefas domésticas (padrão de proporção 2,3), ampliação dos cuidados com os filhos (1,7) e necessidade de apoio às atividades escolares (2,4). Por outro lado, a distribuição dos respondentes que não identificaram impactos negativos/problemas advindos da pandemia na rotina e na organização explicita maior concentração de pessoas brancas do que a amostra total de respondentes (4,8 pessoas brancas para cada pessoa negra).

Declararam ter percebido dificuldades adicionais para organizar as atividades de estudo, 41% dos respondentes. Quando os dados foram desagregados por raça/cor, o percentual é semelhante: 40,4% no grupo raça/cor brancos e 42,8% no grupo raça/cor negros.

Os mesmos dados também foram desagregados por sexo/gênero. Quando questionados sobre a capacidade de se organizar para manter as atividades de estudo, 38,8% dos homens afirmaram ter percebido dificuldades adicionais advindas do contexto da pandemia, face a 44,8% das respondentes do sexo feminino. Essa mesma diferença de pontos percentuais foi identificada quando os respondentes foram questionados sobre a ampliação da sobrecarga de tarefas domésticas.

Sobre a necessidade de dispensar mais atenção para apoiar os filhos nas atividades escolares, 16% dos respondentes do sexo masculino afirmaram que perceberam uma ampliação desse esforço na pandemia, em face a 29% das respondentes do sexo feminino. Complementarmente, 11% dos homens declararam identificar uma ampliação da necessidade de cuidados gerais com os filhos, frente a 21% das mulheres.

Articulando as diferentes análises dos dados coletados, é possível sinalizar que há desigualdades na percepção dos impactos da pandemia nas atividades da rotina doméstica e profissional e que as mulheres e o grupo raça/cor de pretos e pardos sinaliza ter identificado efeitos mais significativos do que os homens e o grupo raça/cor de brancos.

4.4 Alterações nos estados emocionais e de saúde mental

Os participantes da pesquisa também foram convidados a refletir sobre a percepção de alterações no campo emocional e em indicativos relativos à saúde mental. No questionário, cada participante poderia sinalizar quais estados emocionais ou alterações da saúde mental haviam experimentado em função da pandemia de Covid-19. A pergunta permitia que cada respondente assinalasse todas as alterações que havia percebido, sem limite do número de marcações. Na Tabela 4 constam, em ordem do número de indicações, as situações de saúde mental e/ou emocionais mais percebidos pelos sujeitos.

Tabela 4 – Situações de saúde mental e/ou emocionais

Situações de saúde mental e/ou emocionais	Indicações
Ansiedade ou angústia	38 (67,8%)
Estresse	29 (51,8%)
Medo de uma crise econômica	28 (50%)
Medo de perder familiares	27 (48,2%)
Insônia	27 (48,2%)
Sensação de incapacidade ou impotência	26 (46,4%)
Medo de contrair o vírus	25 (44,6%)
Medo de perder o emprego	18 (32,1%)
Medo de morrer	11 (19,6%)
Raiva	11 (19,6%)
Depressão	11 (19,6%)
Crise de pânico	10 (18%)
Solidão	9 (16%)
Luto	5 (9%)
Felicidade	4 (7%)
Sensação de abandono	3 (5,4%)
Ideação suicida	2 (3,6%)
Outros	5 (9%)

Fonte: Elaboração dos autores.

A situação identificada com maior frequência é de ansiedade que dialoga com estudo da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2022) que aponta a prevalência da ansiedade e depressão tendo aumentado 25% no primeiro ano da pandemia. Nos

resultados da Tabela 4, há uma diferença muito significativa. Dos 17 aspectos sinalizados pelos respondentes, 16 podem ser compreendidos como situações de saúde mental ou emocional 'negativo'. A exceção é o aspecto 'felicidade'.

Em 14 dos 16 estados emocionais 'negativos' sinalizados, foram identificados padrões de proporção racial que indicam uma sobre representação de pessoas negras (ou seja, quando comparada à distribuição racial da amostra geral, a amostra de pessoas que declararam ter sofrido impactos da pandemia em sua saúde mental ou emocional concentra um percentual maior de pessoas negras).

A distribuição racial de pessoas que declararam ter percebido situações de ansiedade ou angústia manteve-se praticamente idêntica à distribuição racial original da amostra, o que pode indicar que esse tipo de percepção não explicitou, nos limites deste estudo, um viés racial (Tabela 5). Outro destaque importante diz respeito ao item "medo de perder o emprego", em que 89% das pessoas que declararam perceber essa ocorrência são autodeclaradas brancas, frente a apenas 11% de pessoas autodeclaradas negras. Essa percepção, entretanto, precisa ser considerada à luz dos padrões de emprego e renda típicos da sociedade brasileira, que são previamente racializados e sofreram impacto estratificado por força da pandemia (IPEA, 2021).

Por fim, o item 'ideação suicida' foi assinalado por dois respondentes, ambos brancos. Deste modo, o padrão de proporção racial resultou nulo.

Tabela 5 – Estados emocionais ou alterações de estados emocionais por grupo raça/cor

Situações de Saúde Mental e/ou Emocional	Distribuição		
	Brancos	Negros	PPR
Distribuição da Amostra Inicial	75%	25%	3,0
Ansiedade ou Angústia	76%	24%	3,1
Estresse	62%	38%	1,6
Medo de uma crise econômica	71%	29%	2,4
Medo de perder familiares	70%	30%	2,3
Insônia	68%	32%	2,1
Sensação de incapacidade ou impotência	70%	30%	2,3
Medo de contrair o vírus	64%	36%	1,7
Medo de perder o emprego	89%	11%	8,0
Medo de morrer	55%	45%	1,3
Raiva	55%	45%	1,3
Depressão	64%	36%	1,7
Crise de pânico	67%	33%	2
Solidão	55%	45%	1,3
Luto	80%	20%	4
Felicidade	25%	75%	0,3
Sensação de abandono	67%	33%	2
Ideação suicida	100%	--	--
Outros	60%	40%	1,5

Fonte: Elaboração dos autores.

Os resultados alcançados nessa distribuição por raça/cor são convergentes a outros estudos que apontam a desigualdade nas percepções sobre sofrimento psíquico e adoecimento emocional decorrentes da pandemia e que sinalizam interações entre o padrão de racismo estrutural/institucional da sociedade brasileira e a experiência de pessoas negras e não negras no contexto da Covid-19 (FERREIRA; SANTOS, 2021; HÜNING; SILVA; BRAGA NETTO, 2021).

Várias expressões do racismo foram agravadas neste período de crise sanitária, explicitando a dinâmica da branquitude/racismo estrutural no Brasil [...] essas expressões intensificadas do racismo impuseram às pessoas pretas e pardas uma camada adicional de sofrimento psíquico e existencial, associadas à deterioração da sua vida material (desemprego, salários, condições de moradia) e à intensificação da ação necropolítica do Estado, recrudescendo suas práticas de violência simbólica, militar e política (HÜNING; SILVA; BRAGA NETTO, 2021, p. 36).

A desagregação dos dados sobre estados emocionais por sexo/gênero apresenta algumas distinções entre homens e mulheres apresentados na Tabela 6. Neste caso, calculamos o Padrão de Proporção de Gênero (PPG) da amostra total. Participaram do estudo 38 mulheres e 18 homens, o que significa que para cada homem participante do estudo, são 2,215 mulheres. Caso este padrão se apresente superior em algum item avaliado, então, trata-se de uma sobre representação das mulheres na amostra (e, portanto, de uma percepção maior, por parte delas, dos impactos da pandemia nas situações de saúde mental e/ou emocional). Caso a variação do PPG seja para valores abaixo de 2,215, trata-se de uma sobre representação dos homens na amostra (e, portanto, uma percepção maior, por parte deles, dos mesmos impactos).

Tabela 6 – Estados emocionais ou alterações de estados emocionais por sexo/gênero

Situações de Saúde Mental e/ou Emocional	Distribuição		
	Mulheres	Homens	PPG
Distribuição da Amostra Inicial	68%	32%	2,125
Ansiedade ou Angústia	68%	32%	2,125
Estresse	76%	24%	3,1
Medo de uma crise econômica	79%	21%	3,7
Medo de perder familiares	56%	44%	1,3
Insônia	63%	37%	1,7
Sensação de incapacidade ou impotência	69%	31%	2,2
Medo de contrair o vírus	72%	28%	2,5
Medo de perder o emprego	56%	44%	1,3
Medo de morrer	55%	45%	1,2

Raiva	55%	45%	1,2
Depressão	73%	27%	2,7
Crise de pânico	50%	50%	1,0
Solidão	67%	33%	1,2
Luto	40%	60%	0,6
Felicidade		100%	--
Sensação de abandono	69%	31%	2,1
Ideação suicida	50%	50%	1,0
Outros	80%	20%	4,0

Fonte: Elaboração dos autores.

As situações de saúde mental e emocional impactadas pela pandemia e que são percebidas com maior ênfase pelas mulheres são aquelas cujo PPG foi superior a 2,125. Neste grupo, destaca-se: a) estresse (3,1); b) medo de uma crise econômica (3,7); c) medo de contrair o vírus (2,5); e d) depressão (2,7). Por outro lado, os homens perceberam, proporcionalmente, impactos mais fortes da pandemia revelados na forma de: a) medo de perder familiares (1,3); b) insônia (1,7); c) medo de perder o emprego e medo de perder familiares (1,3); d) medo de morrer, raiva e solidão (1,2); e) crise de pânico (1,0); e f) luto (0,6). Esse resultado é convergente com estudos conduzidos em diferentes realidades sociais que buscaram mensurar as clivagens de gênero, raça e também classe social, na produção de dinâmicas de sofrimento psíquico, de intensificação do trabalho e de extensão das responsabilidades domésticas e profissionais. (KOFMAN; GARFIN, 2020; MOSER et al., 2020; PAPPA et al., 2020; ZAMARRO; PEREZ-ARCE; PRADOS, 2020). Em revisão de literatura sobre o tema, Reis et al (2020, p. 325) sinalizam que:

Na pandemia de Covid-19, em países como o Brasil, marcados por imensas desigualdades sociais, configura-se um difícil cenário para o cumprimento das medidas para redução da mobilidade social e controle da doença¹. Gênero, raça e classe social são eixos estruturantes que organizam a vida social e condicionam os padrões de adoecimento, morte e acesso aos serviços, especialmente em situações de crise sanitária.

4.5 Percepções vinculadas à experiência como estudantes nos programas de pós-graduação

Superadas essas duas etapas introdutórias do questionário, será apresentada análise das condições nas quais os estudantes experimentaram as aulas oferecidas em regime de interação remota (não presencial) no contexto da pandemia e das percepções sobre eventuais impactos objetivos e subjetivos dessa experiência.

Quanto ao local em que assistiam e participavam das atividades de estudo e pesquisa, todos respondentes afirmaram que acompanharam as aulas em regime remoto, em suas residências. Todavia, há variações importantes, quando investigado em qual espaço da casa as atividades eram realizadas. Com a possibilidade de escolherem mais de uma opção, os estudantes sinalizaram que assistiam às aulas na sala de estar, ou em outro espaço de uso coletivo (31 indicações); em quarto individual (19 indicações); em escritório (14 indicações); e em quarto coletivo (sete indicações). Além disso, um estudante indicou a varanda e outro, a cozinha.

Em que pese a diversidade dos espaços escolhidos para participar das aulas, a maior parte dos respondentes declarou que as condições garantiram conforto acústico (76,8%) e conforto físico (73,2%).

Quanto aos equipamentos utilizados para acessar às aulas em regime remoto, os respondentes podiam indicar a quantidade que desejassem, os estudantes demonstraram privilegiar *notebooks* (48 indicações), celulares (35 indicações) e computadores de mesa (16 indicações). Apenas três indicaram utilizar *tablets* e um o aparelho/monitor de televisão.

Perguntados sobre a ocorrência de problemas técnicos nos equipamentos utilizados para acompanhar as aulas, 46,4% dos estudantes afirmaram não terem enfrentado problema; 16% declararam enfrentar restrições de acesso à internet, ou falhas de conexão relacionadas ao local/região em que moram. Outros 16% mencionaram que precisavam dividir o uso dos equipamentos de acesso às aulas com outros moradores da mesma residência; enquanto 8%, enfrentaram outros problemas técnicos relativos à rede de internet. Finalmente, 13,6% dos participantes afirmaram ter enfrentado outros problemas técnicos com seus equipamentos que dificultaram sua participação adequada nas aulas remotas.

Importa frisar, entretanto, que, quando perguntados sobre a frequência dos problemas com internet para o acesso e participação nas aulas, 75% dos estudantes que apontaram problemas desse tipo declararam que as dificuldades aconteceram “em poucas aulas”; enquanto 5,4% mencionaram que os problemas aconteceram em aproximadamente metade das aulas. Os respondentes que declararam ter enfrentado problemas desse tipo em mais da metade das aulas totalizaram 16,2% da amostra apontando para as desigualdades de acesso à internet.

O último bloco das questões propostas aos estudantes tratou das percepções vinculadas à experiência dos estudantes com as disciplinas oferecidas nos dois programas de Pós-graduação.

Nesse campo, os estudantes que participaram da pesquisa assinalaram uma sensação de acolhimento de suas dificuldades e de suas singularidades pelos professores que lideraram as disciplinas nos programas (91%). Declararam, também, que puderam acessar e se apropriar adequadamente das informações necessárias para continuarem aprendendo (84%). Estas respostas dialogam com o estudo de Vercelli (2020) e Arruda (2020).

Apesar da ausência de encontros presenciais entre os estudantes, 82% dos respondentes sentiram que foi possível reconhecer um grau satisfatório de socialização com os pares. Assinalaram, ainda, que se sentiram confortáveis em realizar trabalhos acadêmicos de modo colaborativo, em parceria com os colegas (58,9%), seguindo a tendência de Vercelli (2020).

Ainda nessa seção do questionário, foram propostas questões abertas, para respostas em formato discursivo. A primeira delas solicitava aos participantes que sinalizassem os aspectos positivos nas disciplinas que foram ministradas em formato remoto. O tratamento das respostas oferecidas pelos participantes indicou, por ordem de frequência os seguintes elementos, conforme apresentado na Tabela 7.

Os dois elementos mais destacados referem-se aos aspectos dos processos educativos. Entretanto, a economia de tempo (terceiro elemento destacado), refere-se à qualidade de vida pelo não deslocamento do estudante à universidade.

Tabela 7 – Aspectos positivos nas disciplinas ofertadas

Elemento	Frequência
Acolhimento e qualidade das interações	17
Qualidade das aulas	14
Economia do tempo	11
Respeito e cumprimento do programa/ementa das disciplinas	8
Comprometimento dos professores	7
Possibilidade de continuar estudando, apesar da pandemia	3
Não precisar se deslocamento até a Universidade	2
Aprendizagens de novas formas para realizar o ensino	2

Fonte: Elaboração dos autores

A questão seguinte, também aberta, destinou-se a identificar o que poderia ser melhorado nas disciplinas ministradas de forma remota. As respostas coletadas dos 56 respondentes, em ordem de frequência, foram agrupadas nas seguintes

categorias: dificuldades nas atividades acadêmicas (19); dificuldades relacionadas à gestão do tempo (11); aspectos relacionados às tecnologias utilizadas (8); inacessibilidade à Secretaria (4) controle de presença (1); dificuldade na gravação/armazenamento digital das aulas (1); inacessibilidade à biblioteca (1); e questões de acolhimento e qualidade das interações (1); dificuldade no acolhimento e fortalecimento da interação (1).

4. Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo identificar as percepções dos discentes sobre o ensino remoto em dois cursos de Pós-graduação da área de educação durante o primeiro semestre da pandemia do Covid-19 e os desafios, limites e potencialidade desse tipo de ensino.

Para tanto, foi disponibilizado um questionário, por meio do Google Forms, construído coletivamente com os alunos. O instrumento continha 32 perguntas, das quais, 29 eram fechadas e foi enviado em junho de 2020 para 86 pós-graduandos, com retorno de 56 participantes (65% do universo).

A análise dos dados coletados indica que o público participante da investigação é majoritariamente feminino (68%), branco (75%), com renda igual ou superior a R\$ 5.001,00 (60,7%). Pouco mais da metade dos respondentes, no momento da realização da pesquisa, mantinha vínculo empregatício com jornada semanal igual ou superior a 40 horas e 76,8% estavam cumprindo todas as recomendações de isolamento social indicadas pelas autoridades sanitárias.

Os participantes também indicaram a percepção de aumento de sobrecarga no desempenho das atividades profissionais (62,4%) e nas tarefas domésticas (53,5%), aspectos esses que mostram a desigualdade de raça/cor e sexo/gênero.

Todavia, é no campo da saúde mental e estados que os impactos da pandemia pareceram indicar tanto maior prevalência, na percepção dos respondentes, quanto nas dinâmicas de desigualdade quando reconhecidas as especificidades de gênero e raça. As mulheres e os autodeclarados pretos e pardos indicaram ter percebido, com mais frequência, alterações negativas em seus estados emocionais, em decorrência das experiências social e subjetiva com a pandemia.

Os indícios que acumulados nesta pesquisa exploratória convidam a comunidade acadêmica a avançar no desenvolvimento de pesquisas que tornem mais

explícitas e compreensíveis as dinâmicas que conectam a interseccionalidade das exclusões de raça e gênero no Brasil com as formas singulares e desiguais que os impactos da pandemia assumem na vida dos estudantes dos programas de Pós-graduação.

A análise empreendida nesta pesquisa também lança luzes sobre as demandas que a situação pandêmica tem apresentado aos programas de Pós-graduação em educação (em termos de acolhimento de professores e alunos e de adaptações de suas estruturas curriculares, regimes didáticos e serviços acadêmicos).

A exigência do distanciamento social impôs aos Programas de Pós-graduação a exigência de desenhar um regime didático novo, pautado por interações remotas (não presenciais). Se, no caso dos cursos de graduação, a adoção, em larga escala, de cursos em formato à distância funcionou, de certo modo, como um lastro de experiência prévia para o redesenho de cursos presenciais sob as restrições da pandemia, a Pós-graduação *stricto sensu* precisou criar caminhos alternativos para esse momento singular.

Com base nas percepções declaradas pelos estudantes que participaram da pesquisa, parece razoável a hipótese de que o uso de plataformas síncronas, para o desenvolvimento das aulas permitiu – com razoável efetividade – alcançar as necessidades postas para a continuidade das atividades didáticas. Todavia, é preciso avançar em pesquisas com amostras mais amplas e em contextos diversificados para que se possa tratar com maior rigor e abrangência essa hipótese.

Ao mesmo tempo, o fato de a amostra final da pesquisa ser composta por um grupo de estudantes com renda mensal familiar elevada (em relação à média de renda familiar brasileira) pode ter sido um fator determinante para que as dificuldades de acesso a equipamentos e à conexão com internet de alta velocidade fossem minoradas. Entretanto, há ainda um grupo de estudantes com dificuldade de acesso à tecnologia que precisa ser atendido. Com os dados analisados, não foi possível identificar se, em amostras mais diversificadas e estratificadas, os problemas de acesso a equipamento e à conexão segura com a rede mundial de computadores são gargalos relevantes no cenário da pandemia para os estudantes da Pós-graduação em educação.

Referências

ARRUDA, E. Educação remota emergencial: Elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Revista de Educação a Distância**, Minas Gerais, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/18383>. Acesso em: 10 jan. 2023.

CRUZ, M.C; RIBEIRO, V.; FERREIRA, R.; RODRIGUES, S. Socializando um instrumento de autoavaliação de aulas remotas na pós-graduação. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v. 17, p. e021018, 2021. DOI: 10.26673/tes.v17i00.15548. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/15548>. Acesso em: 10 jan. 2023.

DURSO, S.; RUSSO, P. Impactos da Covid- 19 em programas *stricto sensu* da área de negócios: Possibilidades para o ensino à distância? *In*: USP INTERNACIONAL CONFERENCE IN ACCOUNTING: ACCOUNTING AS A GOVERNANCE MECHANISM, 20, 2020.

FERREIRA, L.; SANTOS, M. O impacto da pandemia para o gênero e a raça nas periferias. *In*: SANTOS, S.; LIBARDI, M. **Impactos psicossociais da pandemia**: Contribuições do Núcleo Alagoas da ABRAPSO. Maceió: Edufal, 2021.

GOMES, V. *et al.* A pandemia da covid-19: Repercussões do ensino remoto na formação médica. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília, v. 44, n. 4, e114, 2020.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS (IPEA). **Boletim mercado de trabalho**: conjuntura e análise, Brasília, a. 27, out. 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/211125_bmt72_book.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

HÜNING, S.; SILVA, L.; BRAGA NETO, T. A psicologia social e o racismo estrutural em tempos de Covid-19. *In*: SANTOS, Suzana; LIBARDI, Marcos Ribeiro Mesquita. **Impactos psicossociais da pandemia**: contribuições do Núcleo Alagoas da ABRAPSO. Maceió: EDUFAL, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8038/1/Impactos%20psicossociais%20da%20pandemia%20contribui%C3%A7%C3%B5es%20do%20N%C3%ACleo%20Alagoas%20da%20ABRAPSO.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2023.

JOYE, C.; MOREIRA, M.; ROCHA, S. Distance Education or Emergency Remote Educational Activity: In search of the missing link of school education in times of COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. 1-29, e521974299, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/4299/3757/20309>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

KOFMAN, Y. B., GARFIN, D. Home is not always a haven: The domestic violence crisis amid the COVID-19 pandemic. **Psychol Trauma**, v. 12, n. S1, p.199-201, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/pt/covidwho-457340>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MANHÃES, F.; MUSIAL, N.; GUINDANI, R. Do ensino presencial ao EAD: Um estudo sobre percepção de justiça acadêmica durante a pandemia do COVID-19. *In*: Congresso UFSC de controladoria e finanças, 10, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://dvl.ccn.ufsc.br/10congresso/itensmenu/view/190>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MEDEIROS, A. *et al.* Análise do ensino em fisioterapia no Brasil durante a pandemia de COVID-19. **Fisioterapia Movimento**, v. 34, e34103, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fm/a/ZY5VxGnGtCHyxDv3JxxQCKy/?lang=pt>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MOSER, D. et al. Years of life lost due to the psychosocial consequences of COVID19 mitigation strategies based on Swiss data. **European Psychiatry**, v. 63, n.1, p. 1-7, 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). Organização Mundial da Saúde anuncia emergência de saúde pública de importância internacional. **Portal OPAS**. Disponível em:

<https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=4991:organizacao-mundial-da-saude-anuncia-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional&Itemid=812>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. **Portal OPAS**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PAPPA, S. et al. Prevalence of depression, anxiety, and insomnia among healthcare workers during the COVID-19 pandemic: A systematic review and meta-analysis. **Brain Behav Immun**, v, 88, p. 901-7, 2020.

PIMENTEL, F. et al. Atividades na pós-graduação utilizando as ferramentas digitais no contexto da crise da Covid 19: Análise qualitativa descritiva. **Em Rede**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 276-293, 2020.

REIS, A.P. et al. Desigualdades de gênero e raça na pandemia de Covid-19: Implicações para o controle no Brasil. **Saúde em Debate**, v. 44, n. spe4, p. 324-340, dez. 2020.

SOUZA, C.; GATTI, B. Avaliação de instituição de ensino superior e autoavaliação educacional. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Brasil). *In: Seminários regionais sobre autoavaliação institucional e comissões próprias de avaliação (CPA)*. **Anais [...]**. Organizado por Claudia Maffini Griboski e Stela Maria Meneghel. Brasília: Inep, 2015, p. 30-37.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Educação: da interrupção à recuperação**. [s.d.]. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 10 jun. 2022.

UNESCO. **Covid-19: 10 recomendações para planejar soluções de aprendizagem a distância**. 6 março 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/covid-19-10-recomendacoes-planejar-solucoes-aprendizagem-distancia>. Acesso em: 22 jun. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR). Programa de Pós-Graduação em Educação (*campus* Sorocaba). **Relatório técnico-científico de pesquisa: Condições e dinâmica cotidiana e educativa na RMS (Região Metropolitana de Sorocaba/SP) durante o afastamento social provocado pelo coronavírus**. Sorocaba, maio 2020. Disponível em: <https://www.ppped.ufscar.br/pt-br/arquivos-1/relatorio-de-pesquisa-educacao-e-coronavirus-na-reg-de-sorocaba-ufscar-26-05-2020pdf.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

VERCELLI, L. Aulas remotas em tempos de Covid-19: a percepção de discentes de um programa de mestrado profissional em educação. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 47-60, maio/ago. 2020.

WEHRMEISTER, J.; NASCIMENTO, D.; CASAGRANDE JUNIOR, E. O isolamento social e a pandemia ocasionada pelo coronavírus. **Diálogos Interdisciplinares**, v.11, n.1, p.165-182, 2022.

ZAMARRO, G.; PEREZ-ARCE, F.; PRADOS, M.J. **Gender Differences in the Impact of COVID-19: Working Paper.**; 2020. Disponível em: <https://ktla.com/wp-content/uploads/sites/4/2020/06/ZamarroGenderDiffImpactCOVID-19_061820-2.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.